

**XI ENCONTRO CIENTÍFICO DO CENTRO DE
INVESTIGAÇÕES SOBRE DESENVOLVIMENTO HUMANO E
EDUCAÇÃO INFANTIL (CINDEDI)**

**MEDIAÇÃO SEMIÓTICA E EMERGÊNCIA DAS
SIGNIFICAÇÕES NO ESTUDO DOS PROCESSOS
DE DESENVOLVIMENTO HUMANO**



Ribeirão Preto, 13 a 17 de fevereiro de 2006

**XI ENCONTRO CIENTÍFICO DO CENTRO DE
INVESTIGAÇÕES SOBRE DESENVOLVIMENTO HUMANO E
EDUCAÇÃO INFANTIL (CINDEDI)**

**MEDIAÇÃO SEMIÓTICA E EMERGÊNCIA DAS
SIGNIFICAÇÕES NO ESTUDO DOS PROCESSOS
DE DESENVOLVIMENTO HUMANO**

RIBEIRÃO PRETO, 13 A 17 DE FEVEREIRO DE 2006

Agradecimentos:

À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP;
Ao Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP – USP;
Aos professores convidados: Ana Almeida Carvalho, Ana Cecília Bastos, Ana
Luíza Smolka, Carmem M. Craidy, Cenise Vicente, José Marcelino R. Pinto,
Lúcia H. M. Costa, Maria Cecília Góes, Maria Cláudia Oliveira, Maria Isabel
Pedrosa, Sueli de Pauli e Zilma M. R. Oliveira;
À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo
financiamento do Projeto Temático *Dialogia e Significação, na Rede de
Significações*, além de bolsas de pesquisa (IC, mestrado e doutorado);
Ao CNPq e CAPES pelas bolsas de pesquisa.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

CRONOGRAMA DO ENCONTRO

1. SEMIÓTICA E SIGNIFICAÇÃO EM PESQUISAS COM VÍDEO-GRAVAÇÃO

1.1. Iniciação Científica:

1.1.1. NO MÍNIMO DUAS VOZES: DISCUTINDO A CORPOREIDADE A PARTIR DO DIÁLOGO MUDO DA CRIANÇA COM PARALISIA CEREBRAL. *Fabio Scorsolini-Comin e Katia de Souza Amorim.*

1.1.2. CONCRETIZAÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO NA RELAÇÃO DO BEBÊ E O OUTRO. *Luciana A. Rodrigues e Katia de Souza Amorim.*

1.1.3. CARACTERIZAÇÃO DE ESPAÇOS EXTERNOS EM CRECHES. *Marina Bordenale Casari e Mara Campos-de-Carvalho.*

1.2. Mestrado:

1.2.1. ANÁLISE, A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA, DOS SIGNIFICADOS EMERGENTES EM PROCESSOS INTERATIVOS DE BEBÊS, EM CRECHE. *Adriana Mara dos Anjos, Katia de Souza Amorim e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira.*

1.3. Doutorado:

1.3.1. TROCAS-SOCIAIS DE CRIANÇAS DE 1-2 ANOS E ARRANJOS ESPACIAIS EM CRECHES. *Joseane Bomfim e Mara Campos-de-Carvalho.*

2. SEMIÓTICA E SIGNIFICAÇÃO EM PESQUISAS COM ENTREVISTAS

2.1. Iniciação Científica:

2.1.1. PAIS ADOTANTES NA BUSCA POR SEMELHANÇAS COM SEUS FILHOS ADOTIVOS. *Cecília Souza Oliveira, Caroline Francisca Eltink e Maria Clotilde Rossetti Ferreira.*

2.1.2. PRIVACIDADE: UMA AVALIAÇÃO PÓS OCUPAÇÃO EM MORADIA UNIVERSITÁRIA. *Natália Gallo Mendes e Mara Campos-de-Carvalho.*

2.1.3. PAIS (RE)(DES)CONSTRUINDO CONCEPÇÕES NO PROCESSO DE DIAGNÓSTICO DO FILHO, EM SEGUIMENTO NO SERVIÇO DE CIRURGIA DE EPILEPSIA – UM PROJETO DE PESQUISA. *Jaqueline Cremppe e Katia de Souza Amorim.*

2.2. Mestrado

2.2.1. ADOLESCENTES NO MOMENTO DE SAÍDA DO ABRIGO – CONSTRUINDO SENTIDOS SOBRE SI MESMOS. *Ana Laura Moraes Martinez e Ana Paula Soares da Silva.*

2.2.2. A CRECHE SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS: A CONTRIBUIÇÃO DE SEUS OLHARES E DIZERES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. *Mariana Aguiar Jabur e Ana Paula Soares da Silva*

2.3. Doutorado

2.3.1. “ESCOLHAS” NA ADOÇÃO: O PROCESSO DE ACOLHIMENTO DA CRIANÇA NA FAMÍLIA ADOTIVA. *Caroline Francisca Eltink e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira.*

2.3.2. A EMERGÊNCIA DE SIGNIFICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO CORPUS DE UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE ADOÇÕES “PRONTAS”. *Fernanda Neísa Mariano e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira.*

2.3.3. ESSA ESCOLA É PARA MIM? OU EU SOU PARA ESSA ESCOLA? *Ticiane M. S. Roriz, Katia S. Amorim e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira.*

3. SEMIÓTICA E SIGNIFICAÇÃO EM PESQUISAS COM DOCUMENTOS

3.1. Iniciação Científica:

3.1.1. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: OS DOCENTES TÊM SIDO FORMADOS NESTA PERSPECTIVA? *Patrícia Moreira de Souza e Katia de Souza Amorim.*

3.1.2. A NOÇÃO DE SEXUALIDADE NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY E A EMERGÊNCIA DE SENTIDO. *Vitor Hugo de Oliveira e Reinaldo Furlan.*

3.2. Mestrado:

3.2.1. O ABRIGAMENTO DE CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS DE IDADE EM RIBEIRÃO PRETO: CARACTERIZANDO ESSE CONTEXTO. *Solange Aparecida Serrano e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira.*

APRESENTAÇÃO

Queridos Cindedianos,

A organização deste nosso XI Encontro enfrentou um desafio interessante e novo.

O amadurecimento do grupo tem feito aumentar o número de pesquisadores do Cindedi com idéias, dados e experiências interessantes para discutir no Encontro.

E talvez, por essa mesma razão, multiplicaram-se os intercâmbios com pesquisadores de outros centros, o que ampliou o leque de pessoas convidadas a conversar conosco. Discussões e conversas que deverão continuar durante todo este último ano do nosso temático, ajudando-nos a finalizá-lo com chave de ouro, em março de 2007, iniciando uma reflexão sobre futuros projetos.

O cronograma nos mostra a forma criativa e original proposta pelos organizadores do Encontro para poderem incluir essa riqueza toda. E olhem que ficou muita coisa de fora e no ano passado já tivemos de fazer um segundo Encontro. Os dois primeiros períodos foram reservados para introduzir a discussão central do encontro: *mediação semiótica e as significações no estudo dos processos de desenvolvimento*. Já à tarde da terça-feira foi reservada, conforme tradição do CINDEDI, para uma discussão sobre *Políticas públicas para a infância e juventude*.

Da quarta à sexta aprofundaremos o tema central de discussão, analisando a *emergência/construção de significações* a partir de dados empíricos diversos, com discussões teóricas e debates sobre painéis.

E, ao entardecer, teremos uma novidade: as *conversas de fim de tarde*, uma rica oportunidade para trocarmos idéias sobre o que o pessoal trouxe de novo de sua experiência no exterior.

A tarde de quarta-feira, com Ana Almeida Carvalho, tem um tempero próprio, pois a ensolarada Salvador – Bahia lhe inspirou algumas idéias que ela quer discutir conosco.

E o relato e balanço do Encontro ficaram sob a responsabilidade de duas jovens experientes!

E, ainda, ficou faltando um final de tarde para Kátia Amorim conversar sobre sua visita a Fogel em Utah, USA! Temos de reservar um período para isto nas próximas reuniões do CINDEDI.

O crescimento e amadurecimento do grupo, evidente neste programa, inspirou-me uma série de reflexões, que eu gostaria de lhes propor para serem trabalhadas no decorrer do encontro e do ano, lembrando que este Projeto Temático termina em março de 2007, após nosso XII Encontro.

- Qual é a proposta de um grupo de pesquisa como o CINDEDI?

- O que tem feito nosso grupo desenvolver e se manter ativo e produtivo por mais de 25 anos, investigando, formando pessoal e atuando na área da Psicologia do Desenvolvimento Humano e Educação Infantil?

- Que concepções sobre Universidade, sobre Educação, sobre a arte de ser professor, sobre o processo de ensino-aprendizagem orientam essa ação?

- Que idéias sobre a práxis do pesquisador e sobre a construção de conhecimento fundamentam essa proposta?

- Qual a sua filosofia e política de atuação e de formação de pessoal para promoção da qualidade das condições de desenvolvimento, sobretudo das crianças pequenas e para a defesa de seus direitos?

Como vêem, a discussão proposta é ampla e longa. Mas acho que está no momento de fazê-la.

Feliz 2006 e BOM ENCONTRO!

Clotilde

1ª Feira (13/02)	2ª Feira (14/02)	3ª Feira (15/02)	4ª Feira (16/02)	5ª Feira (17/02)	6ª Feira (18/02)
1ª. Manhã Abertura 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	1ª. Manhã Abertura 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	1ª. Manhã Abertura 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	1ª. Manhã Abertura 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	1ª. Manhã Abertura 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	1ª. Manhã Abertura 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades
2ª. Tarde 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	2ª. Tarde 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	2ª. Tarde 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	2ª. Tarde 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	2ª. Tarde 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	2ª. Tarde 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades
3ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	3ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	3ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	3ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	3ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	3ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades
4ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	4ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	4ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	4ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	4ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	4ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades
5ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	5ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	5ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	5ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	5ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	5ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades
6ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	6ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	6ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	6ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	6ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades	6ª. Manhã 14h: Início das atividades 15h: Início das atividades 16h: Início das atividades 17h: Início das atividades 18h: Início das atividades

RESUMOS DOS PAINÉIS

SEMIÓTICA E SIGNIFICAÇÃO EM PESQUISAS COM VÍDEO-GRAVAÇÃO

1. SEMIÓTICA E SIGNIFICAÇÃO EM PESQUISAS COM VÍDEO-GRAVAÇÃO

1.1. INICIAÇÃO CIENTÍFICA

PESQUISAS EM ANDAMENTO

1.1.1. NO MÍNIMO DUAS VOZES: DISCUTINDO A CORPOREIDADE A PARTIR DO DIÁLOGO MUDO DA CRIANÇA COM PARALISIA CEREBRAL. *Fabio Scorsolini-Comin e Katia de Souza Amorim (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

Ao retomarmos a concepção bakhtiniana de diálogo, constatamos a necessidade de, ao menos, duas vozes na constituição do discurso, focando a dialogização das vozes como um dos aspectos principais da linguagem. Os discursos produzidos acerca de um determinado tema (como deficiência e inclusão escolar) resultam do diálogo com outras vozes e, num movimento dialético, participam da constituição de outros discursos. Como parte do projeto que investiga a corporeidade em crianças com Paralisia Cerebral, o objetivo desta apresentação é discutir como a mediação semiótica e os múltiplos discursos/vozes podem ser analisados no estudo da situação de interação de uma criança e seus parceiros, a partir da vídeo-gravação. Trazer-se-á o caso de uma menina de quatro anos, identificada como Laura que, apesar de ter a capacidade de fala preservada e se comunicar bem, não é vista expressando-se verbalmente, durante a gravação. Sua mãe a acompanha na pré-escola, por exigência da própria instituição, que se diz sem condições de assumir os cuidados da criança. Na cena registrada, mãe a carrega no colo na maior parte do tempo, já que a menina tem dificuldades para andar. Na cena, é a mãe quem conversa com as educadoras e os colegas de turma, respondendo ainda à cozinheira quando esta oferece mais alimento (a cozinheira se dirige à mãe, e não à criança). Deste modo, Laura apreende significações e as expressa através de posturas, olhares, gestos (dos outros que a evitam, por exemplo; ou, no caso de Laura, recusando o alimento com a mão ou através de sua não-reatividade), imprimindo uma forma de comunicação que destaca o papel do corpo. Partindo do referencial dialógico, no entanto, nos interrogamos como utilizar as concepções bakhtinianas construídas dentro da Lingüística e centradas na linguagem verbal, em processos dialógicos que transcorrem na ordem do corporal, do não-verbal? Como compreender essas múltiplas vozes e discursos a partir dos registros em vídeo? Isso nos levou a trabalhar com a noção de "corporeidade", que destaca o corpo enquanto veículo de apreensão e expressão das significações, em que estão presentes as práticas discursivas, os saberes, a alteridade, em um movimento de mútua constituição entre "pessoa" e "mundo". Evidenciamos, por meio deste caso, a possibilidade de se pensar a corporeidade no estudo das significações, apreendendo-as a partir de práticas discursivas, do modo como a criança é tratada e se coloca no ambiente, como dinamicamente reagem uns aos outros, como se expressam no contato com outrem. (FAPESP, CNPQ).

1.1.2. CONCRETIZAÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO NA RELAÇÃO DO BEBÊ E O OUTRO. *Luciana A. Rodrigues e Katia de Souza Amorim. (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

As pessoas na sociedade, desde que nascem, estão imersas numa esfera semiótica, na qual a comunicação e a cognição tornam-se possíveis pelos signos. É através de um amplo mecanismo interpretativo dos signos culturais-ideológicos que o mundo passa a ter sentido. Nos percursos pelos quais passamos, torna-se preciso compreender as condições de elaboração, funcionamento e sustentação da significação, sobre a possibilidade de produção de sentidos e, assim, de compreensão dos processos desenvolvimentais. Por isso, necessitamos inserir na esfera do signo, a qual nos remete à sua imanente encarnação material, dentro de um terreno interindividual, de relações sociais mutuamente dependentes. As ações que co-constróem essas relações se estabelecem por meio de processos dialógicos, possíveis se expressos numa matéria signíca. Com isso, iniciamos uma investigação a respeito de como, na construção das diversas formas de manifestação da linguagem, o bebê vai tomando parte, em suas relações, no universo semiótico (consequência da questão inicial). Optamos assim por fazer dois estudos de caso: de um bebê com perda auditiva e de um bebê sem essa perda, no primeiro ano de vida. Até o presente, a investigação está se dando com esse último, que foi selecionado por uma série de critérios (desde a quantidade de intercorrências de saúde até um sorteio), do Banco de Dados do Projeto Integrado *Processos de Adaptação de Bebês à Creche*. Este projeto acompanhou 21 bebês, suas famílias e educadoras após o ingresso numa creche universitária. Para isso, utilizou diversos métodos de registro da situação, dentre os quais a vídeo-gravação, aqui utilizada. Todo o material dessas gravações foi transcrito e analisado microgeneticamente, ancorando-se na perspectiva teórico-metodológica da *Rede de Significações*. No decorrer das gravações do bebê Lara, podemos perceber um movimento de coçar a nuca e as orelhas freneticamente sempre que uma situação adversa começa a ocorrer – desde a perda de um brinquedo para outra criança até o choro de um outro bebê próximo a ela. Lara, nessas situações, além de modificar o semblante tornando-o sério ou tenso, realiza esse movimento sem que seja percebido/reconhecido como tendo significado pelas pessoas presentes na creche. Esse gesto, para nós, ainda que esteja aclamando significados, diante das circunstâncias na qual Lara se encontra, precisa ser um todo capaz da percepção pelos interlocutores; ou seja, precisa significar interindividualmente, capaz de ser compartilhado e entrar no domínio semiótico do contexto no qual está inserido. Dessa forma, o gesto de Lara nos possibilita indagar o papel do outro na inserção de um bebê no universo semiótico. (FAPESP, CNPQ).

1.1.3. CARACTERIZAÇÃO DE ESPAÇOS EXTERNOS EM CRECHES. Marina Bordenale Casari e Mara Campos-de-Carvalho. (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).

Dada a existência de poucas pesquisas sobre áreas externas em creches e comportamento infantil, uma primeira abordagem em creches de Ribeirão Preto (SP) se faz necessária para descrever como e quais espaços externos são usados. O objetivo deste estudo foi realizar uma caracterização dos espaços externos disponíveis para crianças em creches municipais de Ribeirão Preto. Participaram do estudo cinco grupos de crianças de 2-3 anos e suas educadoras, de cinco creches municipais (20%). Os dados foram coletados durante o uso de espaços externos em horários destinados pela creche. Durante as sessões (de três a cinco), o observador registrava manualmente aspectos de quatro dimensões – dimensão física: local da ocorrência e seu tamanho, equipamentos e materiais utilizados; nas demais três dimensões (funcional, temporal e relacional), utilizou-se um registro de intervalo – após cada dez minutos, era anotado em um quadro impresso a dimensão observada mais freqüente naquele intervalo. Os dados evidenciaram os seguintes aspectos comuns às cinco creches analisadas: (1) dimensão física – locais mais utilizados: parque, pátio e área arborizada; equipamentos mais utilizados: de plástico polietileno (42%), tradicional (31%) e de madeira (16%); presença de materiais em todas as sessões de quatro grupos (exceção G2, em 50% das sessões); (2) dimensão funcional – uso autônomo da área pelas crianças (88%); uso dirigido pelo adulto (12%); (3) dimensão temporal – em todos os intervalos de tempo, nos quatro grupos foi observado um ritmo lento das atividades; (4) dimensão relacional – maior freqüência de ocorrência de crianças brincando agrupadas (62%) do que isoladas (38%); 42% dos agrupamentos eram diádicos, 22% em grupos com mais de cinco crianças e 10% em quadras; na relação educadora-criança, destacou-se: educadora ordena (26%), observa as crianças (20%) e brinca com elas (15%); verificou-se a presença de interação entre educadoras em 77% dos intervalos de tempo. Pode-se concluir que: (1) as áreas externas favorecem agrupamentos entre crianças, principalmente diádicos e com mais de cinco crianças; (2) a baixa ocorrência de interação do adulto com as crianças, observada no presente estudo, pode evidenciar uma visão do educador, errônea em nossa opinião, de que em espaços externos não ocorre aprendizado e, portanto, o educador não precisa interferir na brincadeira livre; desta maneira, o momento de ocorrência de atividades infantis em espaços externos, pode ser vista pelo educador como um horário de descanso para si próprio, o que pode propiciar, então, um momento de interação entre adultos, tal como observada no presente estudo. (CNPq / FAPESP).

1.2. MESTRADO

PESQUISA CONCLUÍDA

1.2.1. ANÁLISE, A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA, DOS SIGNIFICADOS EMERGENTES EM PROCESSOS INTERATIVOS DE BEBÊS, EM CRECHE. Adriana Mara dos Anjos, Katia de Souza Amorim & Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).

Em nossa sociedade, a educação de crianças está atravessada por discursos de que bebês não interagem com o coetâneo; se interagem, é disputando/machucando. Interações bebê-bebê são evitadas e, ocorrendo, são monitoradas. Nas últimas décadas, porém, pela crescente participação de bebês em creche, o bebê-coetâneo passou a ser um parceiro freqüente e vários estudos vêm sendo desenvolvidos. Nessa linha, objetivamos estudar interações bebê-bebê, para apreender alguns de seus aspectos qualitativos. Nos baseamos na perspectiva da *RedSig* que considera a relação com o outro fundante, devendo aquela ser analisada de forma situada e relacional. O material empírico provém do Banco de Dados do Projeto “Processos de Adaptação de Bebês à Creche”, que acompanhou ingresso/freqüência de 21 bebês (5-13 meses) numa creche. Os registros foram gravações em VC (quatro primeiros meses) e entrevistas (mães/educadoras). Dos 21 bebês, sorteamos três sujeitos-focais: Lúcia, Helena e Marcos (de 7, 9 e 11 meses). Organizamos o *corpus* por transcrição microgenética das cenas em que os sujeitos-focais aparecem no conjunto das 54 fitas gravadas. Contextualizamos os episódios com dados das entrevistas. Apesar do amplo espectro de questões surgidas à análise, aqui, nos deteremos na questão da emergência dos significados. Para isso, apresentaremos o caso de Lúcia que, com parceiros e em momentos distintos, negocia a construção de diferentes papéis/contrapapéis e significações: agredida/agressora/desamparada. Numa primeira situação, Lúcia, ao manipular objetos, desperta a atenção de Helena, que é regulada pelas ações de Lúcia/objetos. Posteriormente, quando frente-a-frente, Helena ergue sua mão em direção a Lúcia que se esquia, sendo retirada pela mãe. Noutra situação, Lúcia passa casualmente por Gustavo (12 meses) que recorre à mãe chorando. Percebendo esse movimento do parceiro, Lúcia passa a procurá-lo repetidamente, desencadeando novas reações do menino e dos adultos frente à “ameaça”. Numa terceira situação, Lúcia chora em busca da educadora, diante de uma porta fechada que não consegue abrir. Willian (14 meses) aproxima-se de Lúcia e tenta abri-la. Não conseguindo, passa a mão na cabeça de Lúcia e dirige-se à outra educadora, aparentemente, procurando ajuda. Em cada situação, a atribuição de significados (agredida/agressora/desamparada) é feita pelas crianças, construída e comunicada dialogicamente com o outro social através de gestos, olhar, postura corporal, choro, sorrisos e vocalizações que envolvem o outro e têm efeito em suas (re)ações. Mesmo não dispondo de um plano de interação, os bebês mostram-se capazes de agir e reagir em direção ao outro, de se disponibilizar ao diálogo que é continuamente explorado, vivido e (re)criado. (FAPESP/CNPq).

1.3. DOUTORADO

PESQUISA EM ANDAMENTO

1.3.1. TROCAS-SOCIAIS DE CRIANÇAS DE 1-2 ANOS E ARRANJOS ESPACIAIS EM CRECHES. Joseane Bomfim e Mara Campos-de-Carvalho (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).

O objetivo deste estudo foi verificar se crianças de 1-2 anos, com diferentes freqüências de troca-social com as demais do grupo, ocupam semelhante ou diferentemente o espaço quando em troca-social, em atividade individual, ao observar outras (espectador) e dirigir-se socialmente aos outros. Três câmeras automáticas de vídeoteipe coletaram os dados em quatro salas de crianças de 1-2 anos de quatro creches municipais, durante atividades livres. O estudo, utilizando a metodologia do experimento ecológico, constou de três fases (duas sessões cada): FI-arranjo espacial habitual (área central vazia); FII-arranjo espacial com estantes nas laterais; FIII-arranjo espacial com duas zonas circunscritas (ZC-espaço delimitado em pelo menos três lados), estruturadas pelas estantes A cada minuto, examinou-se a posição espacial e o comportamento de cada criança, analisando, no mínimo, 3 segundos antecedentes e conseqüentes ao minuto considerado. Com base na freqüência média de trocas-sociais do grupo e no desvio padrão, a cada fase identificou-se três subgrupos de trocas-sociais (alta freqüência-AF, média-MF e baixa freqüência-BF). A análise das trocas-sociais criança-criança evidenciou que, nas fases com maior estruturação espacial, houve menor ocorrência de trocas-sociais na zona do adulto (ZA) nos subgrupos de AF(FII) e de MF(FIII). A análise das demais três categorias comportamentais (atividade individual-AI, espectador e comportamento socialmente dirigido – CSD) mostrou: (1) maior ocorrência de AI na área das estantes (FII) e ZsCs (FIII) do que na ZA, em três das quatro turmas de crianças observadas; (2) maior ocorrência de espectador na ZA do que nas ZsCs (FIII) em três turmas; (3) maior ocorrência de CSD na ZA do que nas estantes (FII) e ZsCs (FIII), em três turmas. A análise relacionando a ocorrência destas três categorias com os subgrupos de troca-social evidenciou que: (1) CSD ocorreu pouco nos três subgrupos de troca-social; (2) em três das quatro turmas analisadas, o subgrupo BF apresentou, na FI, maior ocorrência de espectador e menor de AI; (3) o subgrupo AF, em três turmas, apresentou na FII maior ocorrência de AI e menor de espectador; (4) o subgrupo BF, em duas turmas, apresentou na FIII menor ocorrência de espectador e maior de AI. O presente estudo contribui para a compreensão da interdependência entre o papel estruturador da educadora, a sociabilidade das crianças e o arranjo espacial, apontando este como um dos elementos circunscritores da troca-social de crianças de 1-2 anos. (FAPESP/ CNPq).

SEMIÓTICA E SIGNIFICAÇÃO EM PESQUISAS COM ENTREVISTAS

2. SEMIÓTICA E SIGNIFICAÇÃO EM PESQUISAS COM ENTREVISTAS

2.1. INICIAÇÃO CIENTÍFICA

PESQUISA CONCLUÍDA

2.1.1. PAIS ADOTANTES NA BUSCA POR SEMELHANÇAS COM SEUS FILHOS ADOTIVOS. *Cecília Souza Oliveira, Caroline Francisca Eltink e Maria Clotilde Rossetti Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

A adoção envolve a negociação dos anseios, limites e possibilidades do casal adotante para receber uma criança em sua família. Neste estudo, conceitua-se anseio como aquilo que surge pela ausência de algo que se gostaria de ter. Quando o anseio, por alguma razão, não pode ser satisfeito, vivencia-se a frustração. A Rede de Significações foi o referencial teórico-metodológico norteador dessa discussão. Objetivou-se investigar os anseios de um casal adotante na busca por semelhanças entre pais e filho, durante o processo de inserção da criança na família substituta. Como recurso, foram utilizadas cinco entrevistas semi-estruturadas gravadas em áudio com o casal adotante e transcritas na íntegra. Através da leitura das entrevistas, realizou-se, inicialmente, um levantamento sequencial dos temas emergentes. Através deste, tornou-se possível focar a análise, num segundo momento, nos anseios referidos pelos pais, construindo-se seis eixos temáticos. Considerando-se os anseios relatados pelo casal, observou-se que o anseio de que haja semelhanças entre adotantes e adotado foi o mais emergente. Nas primeiras entrevistas, verificou-se um anseio grande por buscar aproximações físicas com a criança. Nos dois últimos encontros, ocorreu uma maior valorização por aproximar as características comportamentais entre os pais adotantes e o filho adotivo. Nesse início de processo de adoção, o anseio de semelhanças foi fundamental, tendo função integradora entre adotantes e adotado. Compreender essa busca por semelhanças implica em considerar que o processo de adoção envolve múltiplos aspectos históricos, sociais e individuais. Nessa busca, através das interações, alguns anseios das pessoas envolvidas, tais como idade e sexo da criança, foram mais facilmente negociados do que outros como a cor da pele. A negociação, no aqui-agora das situações, possibilitou a modificação de alguns limites e a criação de novas possibilidades de significação da criança adotada, na tentativa de aproximar aquele filho ansiado ideal do filho possível real. (CNPq, FAPESP).

PESQUISA EM ANDAMENTO

2.1.2. PRIVACIDADE: UMA AVALIAÇÃO PÓS OCUPAÇÃO EM MORADIA UNIVERSITÁRIA. *Natália Gallo Mendes e Mara Campos-de-Carvalho (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

Apesar da grande maioria dos seres humanos viver em locais edificadas, há poucas pesquisas sobre a relação entre edificações e comportamentos de seus usuários. A técnica de avaliação pós-ocupação é relevante para averiguar a opinião do usuário sobre um projeto arquitetônico. Um dos temas investigados na Psicologia Ambiental é privacidade (capacidade da pessoa ou grupo de controlar seletivamente a quantidade e intensidade de interações sociais em um contexto sócio-ambiental). O objetivo do presente trabalho é levantar a opinião de moradores da residência estudantil do *Campus da Usp em Ribeirão Preto (CREU)*, sobre a sua privacidade na mesma. 52 residentes no CREU (32,5% da população) preencheram individualmente um questionário com seis questões fechadas. Procurou-se equilibrar o número de estudantes por sexo (24 homens/28 mulheres) e pelos cinco blocos do CREU (10 em 3 blocos e 11 em 2, respectivamente). Quanto ao tempo de moradia, foi possível equilibrar o número de sujeitos quanto aos períodos inferiores a 3 anos (menos de 1 ano=14; entre 1-2 anos=17; entre 2-3 anos=15), pois é mais raro haver moradores acima de 3 anos (entre 3-4 anos=5 sujeitos; entre 4-5 anos=1). Até o momento, foram avaliadas as frequências de respostas às duas primeiras questões, sendo aqui apontados os aspectos indicados por no mínimo 50% dos participantes. Comparando as respostas dos participantes de acordo com sexo e tempo que residem no CREU, os seguintes dados foram encontrados: (a) gratuidade é o fator que mais agrada aos moradores (questão 1), independentemente de sexo e tempo de moradia (92%); (b) outros aspectos bastante citados, porém com diferença por sexo e/ou tempo, foram: localização e amizades (65%) e comodidade (62%); (c) três fatores mais citados e que desagradam (questão 2) foram: falta de privacidade (58%), indicado por homens e mulheres com maior tempo de moradia no CREU (exceção: participantes com tempo inferior a 1 ano, destacando-se apenas entre as mulheres); quartos não individuais (50%), indicado pelos dois sexos, independentemente do tempo de moradia (exceção: participantes com tempo entre 2-3 anos, destacando-se apenas entre as mulheres); barulho (52%), aspecto que obteve destaque entre os moradores acima de 2 anos, independentemente do sexo, e entre as mulheres com moradia entre 1-2 anos. Este estudo poderá possibilitar o levantamento de aspectos úteis à reflexão pelos responsáveis pela administração do CREU, subsidiando futuros projetos de reforma e manutenção da moradia. (CNPq / FAPESP).

PROJETO DE PESQUISA

2.1.3. PAIS (RE)(DES)CONSTRUINDO CONCEPÇÕES NO PROCESSO DE DIAGNÓSTICO DO FILHO, EM SEGUIMENTO NO SERVIÇO DE CIRURGIA DE EPILEPSIA – UM PROJETO DE PESQUISA. Jaqueline Cremppe e Katia de Souza Amorim (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).

A epilepsia é uma doença crônica com enorme espectro clínico, acometendo principalmente a faixa etária infantil. Não possui definição precisa e, historicamente, pelas características do quadro, é cercada por idéias diversas, dentre elas místicas, que contribuem com a maneira com que a pessoa com epilepsia e seus familiares experienciam e lidam com a doença. O seu tratamento constitui-se basicamente de medicação e cirurgia, este último ainda muito recente e restrito no Brasil. Dada à novidade desse último, o projeto se propõe a investigar como pais de crianças com epilepsia vêm construindo suas significações referentes à epilepsia e ao seu filho, ao longo de suas vidas. Foco será dado principalmente em como estes significados/concepções são (re)(des)construídos no contexto de atendimento no centro de cirurgia de epilepsia, o qual traz uma nova possibilidade de tratamento à família/criança, diante da ineficácia do tratamento medicamentoso. Note-se que o objetivo do presente trabalho está intimamente articulado ao conceito de significação, entendido aqui como os diversos sentidos possíveis de serem atribuídos a algo (objeto/pessoa/experiência/palavra), por uma pessoa (velho/adulto/adolescente/criança), estando ela situada em um contexto específico, possuindo determinadas experiências, garantindo-lhe particularidade frente às demais. A coleta e análise dos dados serão feitas com base na perspectiva da *Rede de Significações*. O registro da situação dar-se-á através de entrevistas com os pais da criança em atendimento e os profissionais de saúde responsáveis pelo caso. Como suporte serão usadas a anamnese, as notas de campo da pesquisadora e as fitas de vídeo do monitoramento dos quartos. À análise, a significação destes pais será intimamente trabalhada, tanto no que se refere à epilepsia, ao tratamento, como ainda ao filho e mesmo à equipe médica. Porém, lidar-se-á não apenas com a significação dos pais na situação já que, no dialogismo das relações, outras vozes estarão presentes. Vozes das interações com os profissionais de saúde, funcionários, outros pacientes/famíliares e seu filho; ainda, daqueles que foram temporariamente deixados para os familiares estarem ali no serviço. Portanto, vozes que estarão presentes e atravessando a situação, os diversos sentidos que cada um destes construíram em experiências anteriores, e que, exigirão muitas vezes, que sejam revistos, rearranjados ou ainda reafirmados. Considera-se, ainda, que a situação estará atravessada pela presença do estudo da pesquisadora. Finalmente, esse poderá contribuir tanto à compreensão da dinâmica construção de significações relacionadas ao quadro e pessoas com epilepsia, como também, com reflexões relacionadas à intervenção ligada à qualidade de vida de crianças com epilepsia e de seus pais. (FAPESP, CNPq).

2.2. MESTRADO

PESQUISAS EM ANDAMENTO

2.2.1. ADOLESCENTES NO MOMENTO DE SAÍDA DO ABRIGO – CONSTRUINDO SENTIDOS SOBRE SI MESMOS. Ana Laura Moraes Martinez e Ana Paula Soares da Silva (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).

A fase da adolescência é freqüentemente descrita pela Psicologia, particularmente pela Psicologia do desenvolvimento, como um período de "moratória" ou de transição entre a infância e a vida adulta. Atualmente a adolescência vem sendo vista como uma etapa desenvolvimental marcada por *crises*, intra e intersubjetivas, conflitos e dificuldades a serem enfrentadas pelo adolescente e por aqueles com os quais convive. Problematicando esta visão individualista da adolescência, o presente trabalho, aderindo a uma visão sócio-histórica do conhecimento, vem propor que as noções acerca da adolescência são sempre situadas em momentos sócio-históricos, não sendo possível falar em adolescência e sim em adolescências. Focalizando as particularidades da adolescência vivida em cenário de abrigo durante longos anos, o presente trabalho buscou investigar quais sentidos de si estavam sendo construídos por estes adolescentes no momento em que completavam a maioria, tendo que deixar o abrigo. E ainda, tendo em vista o caráter *situado* da construção do si mesmo, buscou-se compreender, a partir da fala dos sujeitos, quais interlocutores compuseram esta negociação de sentidos sobre si. Para tanto, foram realizadas quatro entrevistas com três adolescentes em processo de desabrigo, bem como a produção de material narrativo por um deles. Quanto ao tratamento do *corpus*, as entrevistas foram transcritas na íntegra e revisadas. Na análise, adotando-se a perspectiva teórico-metodológica da *RedSig*, foram levantados os eixos temáticos presentificados pelos adolescentes em cada uma das entrevistas bem como os sentidos de si correspondentes que estavam sendo construídos em relação a cada eixo temático. Os resultados apontaram para sentidos de si mesmos que, ao mesmo tempo em que são apreensões particulares de cada adolescente com suas vivências e significações, estão sendo negociados com discursos historicamente vinculados a esta população de crianças e adolescentes ditos "abandonados". Assim, o sentido de si mesmo de um dos adolescentes como alguém *velho demais para ser adotado* diz respeito, sobretudo, a uma apreensão do sujeito acerca da realidade *concreta* vivenciada pelos jovens que "sobraram" nos abrigos. (FAPESP).

2.2.2. A CRECHE SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS: A CONTRIBUIÇÃO DE SEUS OLHARES E DIZERES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Mariana Aguiar Jabur e Ana Paula Soares da Silva (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).

Nas últimas décadas, têm surgido pesquisas que creditam à criança uma maior participação no processo de transmissão e produção da cultura. E a creche, como uma das práticas de educação/cuidado de crianças na nossa sociedade, tem sido chamada a se alinhar às novas concepções de infância, abrindo espaço para a participação das crianças na organização do cotidiano e para o reconhecimento de suas avaliações sobre o serviço que lhes é oferecido. Porém, ainda são poucos os trabalhos que consideram a participação da criança nas discussões sobre a qualidade do atendimento. O presente trabalho, com base nas considerações levantadas, tem como objetivo investigar quais atividades, rotinas e espaços as crianças mais e menos gostam na instituição que frequentam e compreender as possibilidades dessa avaliação como instrumento na promoção da qualidade do atendimento. A coleta foi realizada em uma creche filantrópica da região de Ribeirão Preto, com crianças de seis anos de idade. A instituição possui três turmas (A, B e C) com crianças nessa faixa etária, sendo cada turma composta por 28 crianças em média, mas o trabalho foi realizado com 22 destas crianças, que ficam em período integral. Estas foram subdivididas em três grupos: grupo 1 (nove crianças da Turma A), grupo 2 (sete da Turma B) e grupo 3 (seis da turma B). Foram realizadas visitas à instituição com anotações em diário de campo que auxiliaram na familiarização com a creche e com as crianças. Iniciaram-se as atividades com o grupo 1, fazendo roda de conversação propondo o tema: "minha creche"; seguida da atividade de produção individual de fotos do que mais e menos gostam na creche e; finalmente, nova roda de conversação com as crianças sobre as imagens produzidas. Essa primeira experiência mostrou-se cansativa e repetitiva, substituindo-se, nos grupos subsequentes (2 e 3), a primeira roda de conversa por entrevista individual. Após essas atividades, que se estenderam por cerca de um mês, iniciou-se a observação das atividades, rotinas e espaços fotografados pelas crianças, procurando compreender os conteúdos que apareceram na roda de discussão das fotos, auxiliando na contextualização do *porquê* das escolhas e na articulação com o uso concreto dos espaços e atividades feito pela instituição. Em seguida, iniciaram entrevistas com 8 educadoras, com discussão sobre as fotos produzidas pelas crianças, visando obter informações auxiliares sobre os usos dos espaços e/ou atividades fotografados. Pretende-se aprofundar a análise do material, a partir da articulação das avaliações das crianças com as formas de proposição das atividades por parte dos educadores, suas *dinâmicas* e seu modo de *realização*. Essa análise poderá auxiliar na compreensão das possibilidades e dos limites da escuta das crianças, além de compreender as significações que emergem quando crianças são chamadas a avaliar a instituição que frequentam. (FAPESP).

2.3. DOUTORADO

PESQUISA CONCLUÍDA

2.3.1. "ESCOLHAS" NA ADOÇÃO: O PROCESSO DE ACOLHIMENTO DA CRIANÇA NA FAMÍLIA ADOTIVA. Caroline Francisca Eltink (Universidade Paulista / Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo) e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).

As experiências de tornar-se pai, mãe e filho através da adoção introduzem as pessoas em um novo contexto de relações e significações, o objetivo deste estudo foi investigar o processo de acolhimento da criança adotiva na família, tendo como referencial norteador a perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações. Participaram do estudo duas famílias que adotaram crianças menores de 18 meses. Foram realizadas cinco entrevistas semi-estruturadas com os pais durante nove meses desde a chegada das crianças. Como recurso adicional, foram feitas observações na instituição em que as crianças foram abrigadas, entrevistas com as psicólogas e assistentes sociais responsáveis pelos casos no Fórum, além de notas de campo do pesquisador. Foram feitos recortes das entrevistas focando-se as histórias dos casais e das crianças em relação à adoção e ao processo de acolhimento, além de percepções, sentimentos e significações relacionados ao tema e aos eventos vividos. Foi possível identificar que as histórias dos casais 1 e 2 têm aspectos, significações e motivações em comum, mas também apresentam singularidades. De um modo geral, as histórias ontogenéticas e conjugais apresentaram-se repletas de "escolhas" e decisões particulares, circunscritas por dramas diversos, cujas significações presentes possibilitaram e delimitaram a ocorrência de *momentos de mudanças* ao longo do processo de acolhimento. Este processo sofreu fortes influências dos contextos familiar e social e das especificidades existentes no contexto jurídico. As interações estabelecidas nestes contextos, e as posições e significados culturais e pessoais neles assumidos/atribuídos constituíram limites e possibilidades aos casais e pessoas mais próximas. Em um movimento entre *buscar semelhanças entre ter filho biológico e ter filho adotivo*, ambos os casais tiveram de lidar com as diferenças existentes entre eles, além de lidar com o passado da criança e deles mesmo, tendo de *aceitar a existência dos pais biológicos* e elaborar uma forma de *"revelar"/narrar à criança e aos outros sobre o passado dela*. Dialética e gradativamente, lidando com os desafios específicos da adoção, através das e nas interações estabelecidas, agindo sobre e sofrendo os efeitos de (re)significações específicas, os participantes puderam tornar-se *pai e mãe adotivos*. Cada um dos membros da relação continuarão a se construir como pessoa, cada qual com sua (inter)subjetividade. São as histórias individuais e coletiva da família que estão, paulatinamente, sendo co-construídas durante e através das relações, circunscritos pelo contexto da adoção, e, portanto, integrando e participando da construção de uma (nova) cultura existente sobre o tema.

PESQUISAS EM ANDAMENTO

2.3.2. A EMERGÊNCIA DE SIGNIFICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO CORPUS DE UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE ADOÇÕES “PRONTAS”. *Fernanda Neisa Mariano e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

Em um trabalho de pesquisa, a construção do *corpus* é imbuída de significados atribuídos tanto ao ato de pesquisar, ao pesquisador, como ao objeto de estudo. Ao estudar as adoções “prontas” – que são aquelas permeadas por uma série de negociações e trâmites diferentes das adoções preconizadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – é fundamental apreender alguns dos múltiplos significados que podem emergir. Para isso, foram analisadas as notas de campo e o levantamento dos temas das entrevistas realizadas com quatro casais adotantes, três mães biológicas, dois mediadores, um promotor e um juiz da Vara da Infância e Juventude. As entrevistas foram gravadas e após a realização destas, a pesquisadora registrava: as características do local e do entrevistado; acontecimentos não captados pela gravação, a relação estabelecida com o entrevistado, bem como suas reações diante da entrevista. O levantamento dos temas foi realizado através da escuta das entrevistas. Considerando, num primeiro momento de análise, os vários significados atribuídos ao pesquisador, têm-se: 1) portador de conhecimentos psicológicos e que pode trazer contribuições ao processo vivenciado pelos adotantes e/ou pais biológicos; 2) possível mediador e até investigador das partes envolvidas nas adoções; 3) profissional semelhante aos da equipe interdisciplinar do Fórum - avaliador e técnico. Já a entrevista foi concebida como um espaço de reflexão para alguns entrevistados, principalmente pelos pais adotivos e biológicos, e os mediadores. Também foi um espaço de possíveis negociações com o companheiro presente sobre temas pertinentes à adoção. Em relação ao tema pesquisado, percebemos um silenciamento, em diferentes entrevistas, sobre as negociações realizadas para a efetivação dessas adoções “prontas”, e uma grande dificuldade em encontrar participantes que se dispusessem a falar dessa prática, principalmente profissionais que trabalham em hospitais. Por outro lado, percebeu-se uma ausência de significados atribuídos às negociações ocorridas nessas adoções e ao papel de mediadores, tanto pelo juiz como pelo promotor. Por outro lado, as adoções “prontas” foram associadas, tanto pelos adotantes como pelos mediadores, como uma prática mais viável para se conhecer crianças e vincular-se a elas. Dessa forma, podemos perceber que, são fundamentais para a compreensão dos múltiplos significados atribuídos às adoções “prontas” desde a aceitação ou não de participar da entrevista, como o envolvimento do entrevistado com o tema e, os diversos significados que constroem na situação da entrevista, além do vínculo estabelecido com o pesquisador. (FAPESP, CNPq, CAPES).

2.3.3. ESSA ESCOLA É PARA MIM? OU EU SOU PARA ESSA ESCOLA? *Ticiane M. S. Roriz, Katia S. Amorim e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

A discussão sobre inclusão social e escolar tem emergido como uma questão ética vários grupos tendo aderido a essa concepção, como o de pessoas com epilepsia. Diferentes autores afirmam que atitudes de exclusão podem iniciar-se no próprio agrupamento familiar, não dependendo necessariamente da ocorrência das crises epiléticas. Porém, destas atitudes decorrem restrições à participação em muitas atividades, inclusive em escolas regulares. Considerando esses aspectos, o objetivo deste projeto é investigar como professores e familiares de crianças com epilepsia concebem e “referem-se” à criança com epilepsia no cotidiano da educação escolar. E ainda, como a própria criança aborda essas vivências. Para tanto, definimos pelo estudo de seis crianças, entre seis e dez anos de idade, com diagnóstico de epilepsia. Uma delas frequentando escola especial, uma classe especial, e, outra escola especial e regular, concomitantemente; e, três outras, a serem investigadas, deverão estar frequentando salas de aula regulares de 1ª a 4ª série. A seleção das crianças foi feita através de telefonemas aos familiares de crianças atendidas em um ambulatório especializado. O registro vem sendo feito através de entrevista semi-estruturada com professores e famílias. E entrevistas com a criança, utilizando-se material lúdico de apoio. Para a presente apresentação, traremos a análise e discussão parcial de um caso – o de Paulo¹ -, e nos basearemos especificamente na entrevista realizada com a criança. Paulo tem 10 anos e é o primogênito de uma família de dois filhos. Teve um desenvolvimento normal até um ano e meio de idade, quando foi acometido por uma encefalite, que levou a crises epiléticas. As crises permaneceram até um ano após a sua alta. Há oito anos, Paulo não apresenta crises e ele não se recorda da época em que as tinha. Estuda em escola especial e a família justifica por acreditar que ele não aprende como as outras crianças; e, que escolas regulares não estão preparadas para receber crianças “assim”. No entanto, isso muito incomoda Paulo. A análise, baseada na perspectiva da *Rede de Significações*, é conduzida por recortes temáticos das falas de Paulo. Dessa forma, significados trazidos pela criança são identificados e selecionados, com relação às diferenças que percebe em seu desenvolvimento, à sua posição como estudante de escola especial, ao seu ambiente educacional, às relações que estabelece na escola, com a vizinhança e com sua família. A articulação desses vários elementos elucidou a dificuldade de Paulo em compreender e aceitar o fato de não “poder” estudar em uma escola “comum”. (CAPES, FAPESP, CNPq).

¹ Nomes Fictícios

SEMIÓTICA E SIGNIFICAÇÃO EM PESQUISAS COM DOCUMENTOS

3. SEMIÓTICA E SIGNIFICAÇÃO EM PESQUISAS COM DOCUMENTOS

3.1. INICIAÇÃO CIENTÍFICA

PESQUISAS CONCLUÍDAS

3.1.1. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: OS DOCENTES TÊM SIDO FORMADOS NESTA PERSPECTIVA? *Patrícia Moreira de Souza e Katia de Souza Amorim (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

A Educação Especial passou a vigorar na política educacional brasileira no séc. XX, entrando em evidência especificamente na década de 70. Nesse contexto, a LDB (5.692/71) e a CF/88 passam a incorporar dispositivos legais relacionados à área. Contudo, é nos anos 90 que emerge a proposta da Educação Inclusiva, tendo como marco/motor a Declaração de Salamanca (Unesco, 1994). Esta proposta consiste em educar, no ensino regular, conjuntamente, alunos com e sem necessidades educacionais especiais, baseados em princípios como valorização da diferença e respeito à diversidade. Ainda, na LDB (9.394/96), a Educação Especial é considerada uma modalidade de educação integrada ao sistema educacional desde a educação infantil. Articulada a essas transformações, outras mudanças têm ocorrido na educação, como às relacionadas à formação. Mudanças que acarretam novas identidades docentes, que têm sido complexificadas com a Educação Inclusiva. Esse processo tem ocorrido de forma controversa e demanda uma necessidade de (re)construir a prática docente. Tendo em vista que o investimento nessa formação representa um dos pilares para a efetivação da Educação Inclusiva, objetivamos investigar nos cursos de Pedagogia a formação em relação a essa temática. A coleta e análise de dados foram desenvolvidas com base na perspectiva da *RedSig*. O material empírico foi obtido pela pesquisa dos cursos de Pedagogia (credenciados no MEC) no Estado de S.P. (www.mec.gov.br) e suas grades curriculares. Os dados foram quantificados através da construção de Banco de Dados (Access). Conforme resultados: há 249 cursos de Pedagogia (92% privados e 8% públicos). Destes, analisamos somente as grades curriculares de 107 cursos (43%). Verificou-se: crescente expansão dos cursos, e suas habilitações, sobretudo nos períodos de 1970 e 2000 a 2005; oferecimento de diversas habilitações em um único curso, sendo que a área da Educação Especial representa 10% do total, com enfoque na deficiência mental e auditiva. Das grades curriculares: apenas 43% dos cursos oferecem disciplinas relacionadas à Educação Inclusiva comum a todos os alunos. Constatamos que, apesar das modificações legais em relação à formação docente e à Educação Especial e Inclusiva, a maioria dos cursos não modificou suas estruturas curriculares. Assim: Como será a atuação dos Pedagogos que cursou habilitação na docência ou gestão e não teve contemplada a Educação Especial e Inclusiva na sua formação? Concluímos que há uma lacuna na formação oferecida nos cursos e a proposta da Educação Inclusiva construída historicamente, comprometendo-se a atuação docente e a qualidade do ensino, particularmente das crianças com necessidades educacionais especiais. (FAPESP e CNPq).

3.1.2. A NOÇÃO DE SEXUALIDADE NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY E A EMERGÊNCIA DE SENTIDO. Vitor Hugo de Oliveira e Reinaldo Furlan (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).

O objetivo deste trabalho é destacar, dentro da noção de sexualidade elaborada por Merleau-Ponty, como ele concebe a emergência de sentido afetivo, na relação do sujeito com o mundo e com os outros, buscando traçar possíveis pontos de contato com a teoria de *Redes de Significações* (RedSig). Para tal, busca-se compreender a filosofia existencial merleau-pontyana e destacar em seu corpo teórico como é compreendida a experiência vivida em seu modo mais individual, ou seja, o campo afetivo. Foi realizada uma análise bibliográfica das primeiras obras de Merleau-Ponty, principalmente "Fenomenologia da Percepção" (1945), e de textos do livro "Rede de Significações" (2004), que dissertam acerca da teoria RedSig e da noção de sentido. A partir disso, viu-se que Merleau-Ponty concebe uma noção de sentido como encarnado. Ou seja, como, por exemplo, no caso da linguagem, o significado é compreendido como imanente ao significante. Assim, Merleau-Ponty aponta que na fala, nos gestos e na própria percepção já se dá a emergência do sentido, sendo a estrutura figura-fundo determinante dessa dinâmica, colocando o sentido como situado e dependente de um contexto. A apreensão de sentido encontra-se assim na ordem de uma intencionalidade do corpo voltada para a apropriação de um sentido de mundo. Isso inclui o outro, já que é com ele que retomamos e criamos esse sentido, incluindo assim uma co-construção, atravessada pelas diversas formas de relação eu-outro. A sexualidade surge aí como o modo do corpo de ser no mundo onde nos apropriamos de um sentido vital e afetivo do mundo, das coisas e do outro. O sentido sexual e a experiência erótica se fazem no mundo, onde o sujeito constrói para si um "mundo sexual". Assim, nessa dimensão, a intencionalidade é do nível do desejo e segue o movimento da existência. Portanto, apoiando-se na noção de *Redes de Significações* como sendo um "campo transcendental de sentido do comportamento humano", constituindo uma rede de intencionalidades corpóreas, podemos engrenar a sexualidade dentro desse movimento dinâmico de significações, dado que ela, como uma potência corporal, anima no mundo sentidos afetivos e sexuais que são de certa forma dialogados e modificados na interação com o mundo e com o outro. (FAPESP e CNPq).

3.2. MESTRADO

PESQUISA EM ANDAMENTO

3.2.1. O ABRIGAMENTO DE CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS DE IDADE EM RIBEIRÃO PRETO: CARACTERIZANDO ESSE CONTEXTO. Solange Aparecida Serrano e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).

No Brasil, as condições precárias da população de baixa renda, a falta de rede social de apoio e de políticas sociais efetivas expõem frequentemente as crianças à exclusão social. A doutrina jurídica praticada ao longo do tempo, a associação entre pobreza e "periculosidade", as concepções de "criança", influenciaram as práticas de atendimento à infância. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê que "o abrigo em entidade", medida provisória e excepcional, objetiva proteção da criança/adolescente. Algumas crianças são institucionalizadas por períodos variáveis de tempo, até serem reintegradas na família biológica ou adotadas. Inexistem dados exatos sobre o número e características dos abrigos e sobre as crianças institucionalizadas. Mas há consenso sobre a baixa qualidade das instituições como contextos de desenvolvimento. Esta pesquisa pretende contribuir para o conhecimento dessa realidade. O objetivo é caracterizar a situação do abrigamento de crianças de 0 a 6 anos em Ribeirão Preto, em quatro abrigos, focando: o perfil das crianças abrigadas e suas famílias (dados sócio-demográficos: idade, sexo, cor, escolarização, portador de necessidades especiais, visitas familiares, e outros) e caracterizar a trajetória do abrigamento (quem abrigou, motivo, tempo na instituição, destino da criança, e outros). Os dados foram coletados pela primeira autora, psicóloga do Fórum, de abril/2003 a abril/2005, nos prontuários/ pastas das crianças nos abrigos, no banco de dados do Setor de Serviço Social e Psicologia do Fórum e nos processos dessas crianças na Vara da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça. Foram utilizadas duas fichas para coleta de dados, uma relativa à criança e à trajetória do abrigamento e outra relativa à família. O referencial teórico-metodológico a orientar a coleta e análise deste trabalho é a perspectiva da Rede de Significações. Resultados preliminares indicam: 258 crianças foram abrigadas no período; 59% meninos; 51% afro-descendentes; 50% sem informação sobre pai; 78% têm irmãos, frequentemente na mesma ou outra instituição ou já adotados; 56% recebem visitas familiares, e 26% estiveram abrigados anteriormente. Há muitas omissões de dados que são significativas e estão sendo analisadas no sentido de desvelar o "não-dado". As instituições são atravessadas por mudanças políticas e contextuais, trazendo várias (des)continuidades no cuidado provido e diferenças nas formas de (não)fazer o registro dos dados. Embora frequentemente considerados como inadequados para o desenvolvimento de crianças, nenhum esforço está sendo feito para melhorar a qualidade dos abrigos. Não obstante, crianças crescem nesses contextos. São sugeridos estudos adicionais e intervenção. (FAPESP, CNPq).

Comissão Organizadora do XI Encontro Científico do CINDEI

Alda do Prado Roma
Adriana Mara dos Anjos
Carolina Buffa
Fabio Scorsolini-Comin
Jaqueline Cremppe
Katia de Souza Amorim
Luciana Aparecida Rodrigues
Ronie Charles F. Andrade
Ticiane Melo de Sá Roriz

Organizadores do Livro de Resumos

Fabio Scorsolini-Comin
Katia de Souza Amorim
Ronie Charles F. Andrade

Capa

Ronie Charles F. Andrade